II Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos

Recife, 17 e 18 de novembro de 2016

PELA CRUZ, PELA LEI E PELO HOMEM: AS "FILHAS DE EVA" E AS RELAÇÕES DE PODER

Reinaldo Peixoto de Melo Filho,
Mestrando em história pela UFPB.

Resumo

Essa pesquisa vai realizar uma discussão bibliográfica acerca da mulher e da sexualidade, bem como das relações de poder que interagiram diretamente sobre essa relação. A história da mulher no Ocidente foi marcada por uma dinâmica de dominação onde o homem, a Igreja e o Estado tiveram um papel crucial nessa relação de poder em uma comunidade ocidental essencialmente patriarcal, sistema que perdurou por séculos até se deparar com o grande momento de ruptura que se deu no século XX, quando a revolução sexual desbravou fronteiras e abriu perspectivas, possibilitando uma brusca mudança nos papéis do homem e da mulher na sociedade, na família e na própria intimidade do indivíduo.

Palavras-chave: Mulher. Sexualidade. Relações de poder.

Ao analisarmos cinco séculos de constantes mudanças, traçamos um panorama que polariza um lado, as comunidades com suas regras e tabus impostos especialmente ao sexo feminino, e do outro, as reações inerentes à natureza humana, nas suas necessidades biológicas e afetivas constantemente reprimidas pelas regras da sociedade. Esse contexto vai revelar o universo repressivo ocidental, no qual a mulher vai estar numa situação de inferioridade e dependência, condição que só apresentará mudanças efetivas quinhentos anos depois.

Em seu livro *O Orgasmo e o ocidente,* Robert Muchembled vai contribuir de forma abrangente para o entendimento desse ambiente, sobretudo ao abordar a trajetória do prazer no Ocidente em quinhentos anos de história. O autor expõe a administração autoritária das formas e opções de prazer, especialmente entre a França e a Inglaterra, os seus recortes geográficos, e segue fazendo uma análise comparativa entre esses países, dissecando os procedimentos, costumes e tabus provenientes das

regiões urbanas e rurais, dos ricos e pobres, do Estado e da Igreja, encerrando com uma abordagem acerca da revolução sexual no século XX.

No livro *Eunucos pelo Reino de Deus – mulheres, sexualidade e a Igreja Católica,* a pesquisadora Uta Hanke-Heinemann localiza as raízes de diversos procedimentos e mentalidades da Igreja católica, muitos provindos da antiguidade, com discursos repressivos que controlavam o indivíduo e, em especial, a mulher. Assim:

> Os cristãos não ensinaram aos pagãos licenciosos, dissolutos, a odiarem o prazer e a se controlarem; foram os pagãos que tiveram que reconhecer que os cristãos eram tão adiantados como eles próprios. (HANKE-HEINEMANN, 1988, p. 21).

A ideia da abstinência como manutenção da força vital, do vigor físico e da mente afiada, encontrava guarida entre os filósofos e os médicos, e é impossível não ousar refletir que, nessa filosofia de vida, a mulher podia representar um perigo para o homem fraco, que constantemente cai no vício do prazer e, como consequência, enfraquece seu corpo e mente. Esse legado da antiguidade preservou-se na Europa cristã, contribuindo no processo de controle do indivíduo ocidental, até o momento de ruptura detectado na revolução sexual nos anos 1960.

Vamos encontrar em meio a essa condição um contínuo processo de proscrição dos prazeres e da rejeição da volúpia, que parece desembocar no processo de dessexualização registrado no século XVII e citado por Muchembled. Processo que se deu de forma diferente no campo, comparado a cidade. Na zona rural, tanto na França, quanto na Inglaterra, por exemplo, as práticas sexuais pareciam ser mais elásticas e com maior espaço de liberdade, onde os prazeres solitários (onanismo) eram praticados sem maiores punições e até mesmo as práticas homossexuais eram verificadas. É nesse espaço rural que a mulher vai encontrar maior liberdade. Nessa dinâmica interminável de controle e repressão tecemos algumas considerações sobre a situação da mulher na sociedade. No século XVI, as "filhas de Eva" eram vistas como as que se entregavam facilmente às suas fraquezas, e cediam aos prazeres carnais. Havia sempre o risco da bruxa

que se revela o tempo todo nas suas fraquezas, sucumbindo aos pecados capitais e se entregando ao demônio, pondo em risco a Igreja e o homem. O mito da castração, por exemplo, é um modelo pertinente no sentido de revelar esse risco que se deflagra de forma devoradora:

> O medo da castração se exprime diante de um capítulo inteiro de *O martelo das feiticeiras:* "As feiticeiras podem iludir até fazer crer que o membro viril é retirado ou separado do corpo. A resposta é sim, sendo garantido, além disso, que os demônios podem realmente subtrair o pênis de alguém." (DELUMEAU, 1978, p. 466).

Jean Delumeau em seu A *história do medo no ocidente*, desvenda dentre os diversos tipos de medo que o homem desenvolveu através da história, o medo da mulher, em especial nas estruturas patriarcais. Afirma ainda que esse tipo de medo foi negligenciado durante muito tempo e só recentemente foi desvelado. O historiador vai apresentar as diversas faces que compõem o medo da mulher no homem, desde o ato da maternidade (ato misterioso da natureza) até o medo da castração, que só era possível ser sentido pelo homem, cujo sexo era diferenciado do sexo da mulher: o masculino externo, o feminino oculto e misterioso. Enfim, consistia num medo profundo e íntimo, que vai mais além do medo da castração anunciado por Freud, vai consistir num medo repleto de simbologias.

Os pensamentos misóginos foram sendo construídos, segundo Delumeau, e serviam para alimentar ainda mais esse medo, como, por exemplo, o discurso de que a fase da menopausa representaria um perigo, pois denunciava à sociedade a entrega pecaminosa daquela mulher ao diabo. As ideias sobre o fluido único do corpo e da origem física do desejo, na medida em que são perscrutadas, tomam um viés misógino que denigre ainda mais a imagem feminina. Num tempo em que sangrias praticadas também tinham o cunho de purgar o corpo e cerca da impureza feminina. Ranke-Heinemann vai dizer que o tabu da impureza da mulher menstruada, é também uma herança da antiguidade, sendo reafirmado desde os

primórdios da era cristã. Os cristãos da medicina e os padres da igreja apontavam para os perigos da impureza amparados pelos textos bíblicos:

> Fílon, como o médico de Éfeso (século II d.C.) sustenta que a concepção não pode ocorrer durante a menstruação e proíbe o ato sexual com mulheres neste estado. O sangue menstrual fresco, diz ele, mantém o útero úmido e a "umidade não só debilita a vitalidade do sêmen, como a anula por completo" (*sobre as leis individuais,3,6,32*). Essa é a justificativa de Fílon para a condenação no Levítico 20,18: "Se um homem dormir com uma mulher durante o período menstrual e tiver relações com ela, ambos serão eliminados do meio do povo por terem posto a descoberto a fonte do sangue. (RANKE-HEINEMANN, 1988, p. 32-33).

> [...] Quem mantiver relações com a esposa durante a menstruação", adverte o arcebispo Cesário de Arles (m. 542), " terá filhos que ou serão leprosos, ou epiléticos ou possuídos pelo demônio (BROWE, apud RANKE-HEINNEMAN, 1996, p. 33).

Aqui os entendimentos médicos se misturam aos dogmas religiosos construindo uma versão pseudocientífica de intolerância, embebida do pecado original que sempre colocava a mulher como suja e fonte de pecados. No bojo das transformações no século XVI, O celibato, que tem origem pagã em tempos remotos[1], vai encontrar guarida na Igreja católica sendo enaltecido, relegando o casamento ao "menor dos males". O Concílio de Trento enfatiza o celibato, determinando até a excomunhão daquele que declarasse que o casamento era um ato melhor que a prática da castidade (RANKE-HEINNEMAN, 1996, p. 127). As "filhas de Eva", que segundo os discursos vigentes geravam sua prole em um ventre encharcado de "líquidos pecaminosos", eram constantemente reprimidas, e dominadas pelo controle vigente. Os "filhos de Adão" deviam prezar pela continência de seus desejos e não se deixar levar pelas fraquezas, sendo uma

[1] Uta Hanke-Heinemann vai penetrar nas origens dos costumes celibatários ao analisar práticas como o costume de castração com objetivo de manter o sacerdote pagão sem a mácula do sexo. Vai citar que esses costumes eram praticados nos povos babilônios, sírios, fenícios entre outros. (BROWE, apud RANKE-HEINNEMAN, 1996, p. 112).

advertência constantemente proclamada pela Igreja.[2] Com exceção da mulher que detinha posição social relevante, da que fazia votos religiosos ou da degenerada (prostituta), a mulher era costumeiramente reduzida a impessoal designação de filha de, esposa de, devendo ser devotada ao lar, sob o julgo da poderosa estrutura patriarcal decantada até mesmo nos palcos do teatro inglês elisabetano. Podemos tecer algumas ponderações acerca da relativa liberdade em algumas condições sociais femininas, como no caso das viúvas que podiam se manter e, nessa condição, não estariam à mercê de um provedor, podendo gerir com certa liberdade suas vidas. Por outro lado, as temidas bruxas - fomentadas no imaginário da comunidade também pelo medo do mal que achavam residir dentro das mulheres pecaminosas - estavam sempre relacionadas às mulheres marcadas pela idade e sozinhas e as viúvas quase sempre se enquadravam nesse perfil, sendo perseguidas.

Outra reflexão relevante é a de que na área rural a lei nem sempre atingia a sua plena eficácia, já que a distância deixava o povoado mais difícil de ser regulado pela legislação. Isso permitiu que as punições relativas ao prazer fossem menos. Além disso, a estrutura física precária e pobre das moradias dificultava uma permanência maior dentro dos lares e impelia a mulher para uma vida além da porta de casa, permitindo uma sociabilidade mais elástica e uma cumplicidade maior entre as mulheres camponesas, gerando certo poder. O homem, nesse contexto, tinha o papel de "caçador de mulheres", pura representação de virilidade, traço que perdura até os dias de hoje. A ideia que prevalecia na França e Inglaterra no século XVI é a de que a mulher é quem teria que se preservar, pois o homem ali estaria para cumprir o seu papel viril de seduzir e tomar o que seria seu por direito. Para ilustrar, Muchembled relata a história de Lady Anne Clifford, mulher de forte personalidade e extremamente resoluta, que se recusara a se

[2] RANKE-HEINNEMAN vai citar as advertências de um Papa do século IV (Papa Sirício ou Dâmaso, a autoria é duvidosa), que em suas cartas alertava que adão foi expulso do paraíso por ser incontinente. (p. 117).

submeter às Leis masculinas em busca da herança que ela reivindicava como sua por direito. Desobedeceu à última vontade de seu pai, que consistia na entrega dos bens de herança à ala masculina da família, e inabalável chegou a enfrentar até mesmo o Rei Jaime I, quando este resolve intervir. A vitória final se deu anos depois, quando os herdeiros da ala masculina morreram, permitindo que lady Anne Clifford herdasse as propriedades, mantendo-as na ala feminina por mais uma geração, até que seu neto as herdasse. Casos como o da Lady Anne se destacam de maneira preciosa na historiografia por tratar-se de uma exceção em tempos de submissão, ressaltando a sua habilidade em conduzir uma situação de resistência contra a submissão feminina sem que produzisse maiores danos para si mesmo naquela sociedade. O que torna esse relato excepcional, quando ao mesmo tempo ela não deixa de respeitar e de ser obediente, até certo ponto, aos "adversários" masculinos.

Vale ressaltar que as normas sexuais não vão ter mudanças drásticas, a mulher continua submissa, só que numa perspectiva diferente. A moral religiosa está mais enfraquecida e surge a laicização do discurso do corpo, que vai gerar uma nova forma de submissão da mulher pelo homem, só que agora é gerado por valores de gênero e não religiosos. A classe média vai se ampliando na Inglaterra, trazendo os seus valores e suas ideias. A relação familiar continua intacta nesse momento, agregada pela fase afetiva do período romântico. Contudo, o direito da mulher de ter e dar prazer são reconhecidos na relação familiar, respeitada a moderação pregada nos livros de conduta e estabelecida pelo estado, para que o excesso do prazer não "esgote o sêmen", preservando a reprodução. No século XVIII, a multiplicação dos bordéis gerou uma proliferação de doenças sexuais, situação que refletirá até na mulher denominada pura, quando se espalhou a ideia de cura das doenças venéreas nas relações sexuais com virgens, ideia que gerou uma onda de raptos de mulheres para esse fim (MUCHEMBLED, 2007:188).

O século XIX revela, segundo o autor, um entrelaçamento cultural entre a França e Inglaterra, revelando uma visão vitoriana[3] comum nos países, agora o medo religioso será substituído pelas regras de moderação, e o temor do pecado pela moral laica, a partir de então o indivíduo deverá se vigiar, demonstrando em público um comportamento que é esperado pelos outros (MUCHEMBLED, 2007:215). Até mesmo no seio familiar, essa vigília da moral será praticada através das "regras de bom tom" que regerão os membros da família. As mulheres são especialmente reféns dessas regras de comportamento.

A medicina do século XIX continua analisando a mulher , ditando novas regras. E ainda que reconhecendo a legitimidade do prazer feminino, vai determinar quando ela pode ou não se dar a esse ato, como, por exemplo, no período de aleitamento, o ato era proibido. Há quem questione sobre se as mulheres ditas "normais" possuem desejos sexuais [4], aqui subentendido que as que possuem desejos seriam "anormais". Ainda nesse século surgem as teorias de controle de natalidade, que vão se estender ao século XX. As ideias de Thomas Malthus, que a princípio não encontram apoio no Iluminismo nem na Revolução Francesa, construirão no futuro uma consciência sobre a necessidade de controle reprodutivo, ainda que diferente da forma pregada por ele, que baseava sua ideia de contracepção dentro dos moldes da "continência moral" (HANKE-HEINEMANN, 1988: 303). O final do século XIX já revelava as insatisfações individuais e os desejos de mudança. Os homossexuais e as mulheres começavam a procurar os seus direitos e liberdade, que se concretiza no século XX, na ruptura ocorrida na década de 60, com a revolução sexual rompendo os paradigmas. As mulheres vão reivindicando cada vez mais o direito ao prazer, e começam a gerenciar seu corpo, sem se submeter às proibições

[3] Muchembled explica que essa visão vitoriana vai além do reinado de Vitória. Trata-se de um estado de espírito, uma visão de existência que recai sobre as populações inglesas e francesas (p. 211)

[4] O autor vai citar o doutor William Acton que, em sua publicação literária em 1841, vai relativizar o desejo feminino.

legais, recusando-se, por exemplo, a gravidez indesejada, praticando técnicas como a do coito interrompido com seus homens, quando em caso de gravidez, reivindicavam o direito ao aborto, para elas o que importava era o direito de poder decidir o que era melhor para si, e não se sujeitar ao controle externo.

O dinâmico século XX vai apresentar uma ruptura com as formas tradicionais de controle e entendimento do sexo e do prazer no Ocidente, tanto na Europa quanto na América do Norte. Muchembled vai ressaltar a divulgação feita pelo médico Alfred C. Kinsey de um detalhado relatório científico descritivo do comportamento humano que foi lançado em dois volumes, um em 1948 e o outro em 1953, sobre o homem e sobre a mulher, respectivamente, no qual o autor vai denunciar as formas da repressão, apresentando todo um processo de controle do prazer e do sexo estabelecido no Ocidente, sobretudo o da tradição norte americana cristã, uma vez que o relatório apresenta os Estados Unidos como a cultura mais repressiva de todas, e que mantinha os ditames do século XVII em pleno século XX.

Pelo exposto é natural que novas perguntas sejam formuladas, porque nada nesse processo está definido ou acabado. Os ares dos novos tempos pós-ruptura se espalham e com eles novas problemáticas vão surgir, gerando novas dúvidas e anseios, novas barreiras e novas reações. Nada é mais natural que a constatação desse eterno conflito, já que, com base em tudo que foi analisado, podemos entender que os valores da civilização vão sempre delinear a sexualidade humana. Porém agora, a mulher ocidental estará mais atuante durante esse processo na complexa existência humana.

Referências

BROWE, *Beiträge zur sexualethik des Mittelalters* p.48 apud RANKE-HEINNEMAN Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres sexualidade e a Igreja Católica* p.33.

DELUMEAU, Jean. (1978). *O história do medo no Ocidente*. 1a edição. São Paulo, São Paulo: Editora Schwarcz. Ltda.

MUCHEMBLED, *O orgasmo e o ocidente: Uma história do prazer do século XVI a nossos dias.* 1a edição. São Paulo, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007

RANKE-HEINNEMAN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres sexualidade e a Igreja Católica* Rio de Janeiro, Rio de janeiro: Editora Record, 1996.